

OS PRIMÓRDIOS DO FRANCÊS

Maria Antônia da Costa Lobo (UCB)

Costuma-se afirmar que o Francês é oriundo do Latim. Essa afirmação é, todavia, bem mais complexa, pois o idioma não tem uma única origem. Determina-se a evolução de um idioma por sua relação com outros.

Considerando-se que o Latim integra a relação dos classificados como indo-europeus, convém lembrar que ele sofreu também a influência de um outro não indo-europeu (o Etrusco) falado na região que viria a ser a Itália.

Através deste, recebeu do Grego o sistema alfabético, ressaltando-se, ainda, que o próprio léxico latino conservou determinados termos do Etrusco (cf. *Personna* > *personne* (fr.))

Em verdade, três idiomas indo-europeus deixaram traços no latim: o Grego, o Gaulês e o Germânico.

Por um lado, o Grego serviu de idioma de uso (em especial no comércio e mais tarde na cristianização) e de cultura. Era comum um romano culto, a partir do século II a.C., falar Grego ou, pelo menos, ler nesse idioma. Logo, não é surpresa que termos gregos tivessem penetrado no Latim. Até as musas eram denominadas pelo nome grego (cf. Ennius - 239 a 169 a.C.).

Por outro, a partir de uma época bem remota, observa-se que Gaulês e Latim herdaram determinadas formas que se correspondiam de modo surpreendente (cf. *Rex*, em Latim // *Rix*, em Gaulês - Vercingétorix)

Nomes latinos de veículos são empréstimos gauleses. Romanos, originários de camponeses sedentários, foram surpreendidos pelas grandes viaturas com quatro rodas usadas pelos gauleses para transportarem bagagens (cf. *Carrum* - apesar da conservação do correspondente latino *carrus* - *char de guerre*).

Mas, em uma outra época, o Germânico também deixou seus traços. Se, no comando no exército romano predominava o *sermo castrensis*, o léxico técnico dos guerreiros francos, tornados auxiliares, encontrou seu espaço no Latim tardio. Acentuou-se esse fenômeno com a expansão da Gália do Norte fora do Império e a passagem sob a autoridade merovíngia (486). Embora o idioma de *acolhida* continuasse a ser o Latim falado, o léxico do poder, da força e da guerra (empréstimo dos dialetos francos) expulsou, parcialmente, a antiga terminologia românica. Observa-se bem essa influência nos nomes referentes às cores (*blanc, bleu, blond, gris*).

A LATINIZAÇÃO PROGRESSIVA DO GAULÊS (O PROTO-FRANCÊS)

Desde a conquista romana, o Latim foi implantado na Gália, inicialmente, no que viria a ser a Provence (no *Midi*) e, após a época de César, no resto do país.

Evidentemente que essa difusão principiou pelas cidades, pelas grandes vias fluviais (Garonne e Rhône) de comunicação, ao redor de campos militares, de colônias de veteranos, de onde emergiam sotaques variados: mercadores, soldados, camponeses, mas também da elite do poder romano (generais, legados...). Do ponto de vista dialetal, pode-se excluir alguma coisa da diversidade dos sotaques da Itália que não tenha passado para a Gália Romana. Assim, a elite gaulesa se latinizou (dignatários, gramáticos, letrados, escritores...).

Mas o Latim falado evoluiu - se o idioma clássico continuou a ser praticado pela igreja nascente e pela elite administrativa, o povo falava um Latim denominado *tardio* (diferente no Norte daquele do Sul).

Paralelamente, não se podem menosprezar as zonas de fortificações que exerceram um papel lingüístico, por delimitarem os idiomas falados: *gaermanicus* e *raeticus*; *britannicus* e *dacius* (margens do Danúbio - permissão de três séculos de romanização. Responsável inclusive pela instalação da România Oriental).

Até a cristianização, a partir do século XIII, passou a exercer um papel sociolingüístico importante na Gália. Buscavam os religiosos a transmissão de uma mensagem e a conversão. Uma vez concretizada, os eclesiásticos (freqüentemente precedidos pelos ermitãos e pelos monges) começaram a evangelizar os camponeses - nova ocasião de adaptação da linguagem.

Os clérigos deviam, em verdade, se adaptar para serem entendidos, pelo povo. Sendo necessária a evangelização, eles foram obrigados a usar o *sermo humilis*. As glosas de Reichenau (século VIII), por exemplo, apresentam equivalentes em Latim *tardio* do léxico da *Vulgata*.¹ Outro exemplo: *Francia* substituiu *Gallia*.

No caso particular dos gauleses, houve um fator externo, a partir do século III: a fronteira do Reno foi um lugar de trocas intensas com os povos germânicos. Naturalmente, a oscilação de um idioma ao outro por milhares de interlocutores foi acompanhada de trocas intensas entre a fala gaulesa e o Latim, idioma culto.

A influência do exército romano foi notória: ele recrutava, notadamente, entre os francos. A partir do século V, esses mesmos povos que en-

¹ Tradução de Saint Jérôme da Bíblia, cerca de 400.

travam (muitas vezes, de forma violenta) se instalavam no solo imperial, permanentemente como *Federados*: o norte se tornou um local de aculturação para populações germanófilas em maior número.

NASCIMENTO DO FRANCÊS

Em 24 de junho de 841, data que marcou a Batalha de *Fontenoy, Lothaire*, que, legitimamente, herdara de *Louis le Pieux* o vasto Império de *Charlemagne*, estava em debandada. Ocorrerá uma aliança militar entre o irmão dele, *Louis (le Germanique)* e o meio-irmão, *Charles (le Chauve)*. À luz do enfoque religioso, a vontade divina queria indicar que um só homem não devia mais reinar em um território tão vasto. A mencionada batalha mostrava que era conveniente, na prática - comum entre os francos - dividir o patrimônio.

Para isso, *Charles* e *Louis*, unidos apenas militarmente, deveriam firmar um acordo político – tratado de aliança entre os dois reis: foram os *Serments* pronunciados em Strasbourg em 14 de fevereiro de 842 que marcaram a divisão do Império (uma parte ficando para *Lothaire*) e o reconhecimento dos territórios (Tratado de Verdun, 843).

Para *Charles*, coube a parte francófona; para *Louis*, o domínio germanófono do Império. Foi, portanto, o idioma que funcionou e significou a repartição.

Na escritura dos *Serments* foram utilizados idiomas vulgares, ancestrais respectivos do Francês e do Alemão. Como se tratava de reconhecimento dos territórios, *Louis* jurou no idioma (o Francês) do reinado atribuído a *Charles* e este jurou conforme o cruzamento inverso. Os *Serments* marcam o primeiro esboço do Francês pelo qual uma comunidade de interlocutores se reuniu. Escrevendo-os, deu-se uma forma ao idioma que, então, se edificou. Eles simbolizam o nascimento do Francês, de dois Estados rivais e do papel da escrita na constituição de um idioma nacional.

Outro documento importante, composto em 881, no norte da França, é a *Cantilène de Sainte Eulalie* ou *Séquence de Sainte Eulalie*. Essa cantiga, de autoria desconhecida, é uma composição em homenagem à Eulalie, que preferiu o martírio à adoração de ídolos.

Em verdade, esses documentos podem ser considerados como marco do nascimento do idioma que abrangeu, etapa por etapa, todo o território francês e acabou por ser falado e escrito por quase unanimidade pelos habitantes desse território. Apesar de tudo, durante mais de dez séculos, ele coabitou com outras formas de falar e mesmo de escrever.

FALARES DE TRANSIÇÃO: o Galo-romano, o Oc, o Oil, o Franco-provençal.

Após o Gaulês que desapareceu do século I ao século V, eliminado pelo Latim, o qual se transformou para dar o Galo-romano, surgiu o Bretão, próximo do Gaulês, introduzido na Armorique, por uma onda de imigração, proveniente de Cornouaille (século V e VI).

Depois do século V, a penetração do Germânico interveio maciçamente, mas ela fora precedida pela influência lingüística dos *Federados* (Colonos e mercenários, germânicos admitidos para se instalarem na Gália ou para servirem o exército).

No decorrer dos séculos, as fronteiras lingüísticas se deslocaram, o impulso maior tendo sido aquele do Galo-romano. Ele empurrou o Basco para o sul até seus limites atuais, que continuaram estáveis a partir da Idade Média.

A leste, a área romana foi deslocada pelo impulso dos alamanos que penetraram pelo sul da Alsace e dos francos, que chegaram pelo norte.

No início do século XIV foi Dante que nomeou Langue d'Oil aquela referente à metade do norte da França, e Langue d'Oc, aquela do sul, a partir da forma de dizer oui (sim). O conjunto do norte se caracterizou por evoluções fonéticas mais impulsionadas do que no sul, o qual permaneceu mais próximo do Latim.

O termo Franco-provençal é uma criação de Ascoli e data do final do século XIX. Em verdade, enquanto a latinização do sul chegava à Langue d'Oc e a latinização do norte à Langue d'Oil, cujo dialeto central produziu o Francês, o Franco-provençal constituía a variedade que melhor representou o produto e a latinização da Gália do norte, a partir da capital Lyon. O corte entre a Langue d'Oil e o Franco-provençal data da época carolíngia.

A partir do século XIII, o Francês substituiu o Latim nas Chancelarias. E, após o século XVI e, sobretudo, o XVII, ele se tornou o idioma jurídico e administrativo, e depois aquele das escolas e do culto protestante.

Fontes bibliográficas

1. CERQUIGLINI, Bernard. *La naissance du Français* (Collection que sais-je?). Paris : P.U.F
2. CHARAND, J. *Histoire de la langue française*. Paris : P.U.F.